

# Movimento Cientificismo no Estado do Maranhão no final do Século XIX e início do Século XX. Universidade Popular, Escola de Ensaio e Revista Maranhense

*Magazine Maranhense: Arts, Sciences and Letters. Scientific Divulcation and Cultural vehicle in the state of Maranhão in the late XIX century and the beginning of the XX century*

**António José Silva Oliveira**  
Universidade Federal do Maranhão  
[oliva@pq.cnpq.br](mailto:oliva@pq.cnpq.br)

**Silvio Seno Chibeni**  
Universidade Estadual de Campinas  
[chibeni@unicampi.br](mailto:chibeni@unicampi.br)

## Resumo

O presente artigo aborda o conteúdo da Revista Maranhense: Artes, Ciências e Letras como o primeiro veículo de divulgação científica no Estado do Maranhão e o segundo do Brasil e sua contribuição para a educação, cultura e história da ciência e o movimento cientificismo que culminou com a criação da Universidade Popular e a Escola de Ensaio. O estado do Maranhão está localizado no Nordeste do Brasil e sua capital é cidade de São Luís, cidade fundado pelos franceses e seu nome é em homenagem a Luís IX patrono da França, e ao rei francês da época Luís XIII(i). O periódico Revista Maranhense representava os anseios de intelectuais com o progresso social, científico e educacional. É nesse resgate que se propõe também a observar o atual cenário do Maranhão em relação à ciência e ao seu desenvolvimento, considerando que um dos legados da Revista

## Abstract

*This article discusses the contents of Maranhense Magazine: Arts, Sciences and Letters like as the first vehicle of scientific dissemination in the State of Maranhão and the second in Brazil and its contribution to education, culture and history of science and to scientism movement that culminated in the creation of the People's University and the School Essay. The state of Maranhão is located in the Northeast of Brazil and its capital is the city of São Luís, a city founded by the French and his name is in honor of patron Louis IX of France, and the French King Louis XIII at the time (1). The Journal Maranhense represented the intellectual yearnings with the social, scientific and educational progress. It is in this rescue that also proposes to look at the current scenario of Maranhão in relation to science and its development, considering that one of the legacies of Maranhense Magazine was to draw*

*Maranhense* foi chamar atenção, por meio de seus artigos, para a problemática do analfabetismo, tanto o da escrito como o de ler, como o científico, como uma necessidade de combatê-los promovendo a educação.

**Palavras-chave:** História da Ciência, Revista Maranhense, Universidade Popular e Escola de Ensaio, Difusão Científica. **Keywords:** *History of Science, Magazine Maranhense, Popular University and Escola Assay, Scientific Diffusion.*

## 1. Introdução

A divulgação científica e cultural desempenha um papel de fundamental importância na desmistificação da ciência e na aproximação entre a sociedade e as descobertas científicas. Na história da divulgação e propagação da ciência, várias foram as iniciativas que influenciaram gradativamente no desenvolvimento de uma consciência científica. No caso do Brasil, muito pouco se conhece sobre a história das atividades de divulgação científica aqui realizadas. Chega-se mesmo a imaginar que elas não existiram ou que foram insignificantes durante quase todo o período histórico brasileiro e que somente no final do século XX se poderia falar em uma divulgação científica (MASSARANI). No estado do Maranhão, observando o movimento científicista do final do século XIX e início do século XX, encontramos a *Revista Maranhense: Artes, Ciências e Letras*, um canal de divulgação científica e de fomento cultural e literário. Consideramos este periódico como um marco na divulgação e popularização da ciência no Estado do Maranhão, bem como o segundo do País, escrito num período em que os intelectuais maranhenses desejavam retornar às glórias do passado da conhecida Atenas Brasileira (ii). O primeiro veículo de Divulgação de Ciência do Brasil, segundo historiadores, é a *Revista Brasileira, Jornal de Ciências, Letras e Artes* (iii). A *Revista Brasileira* surgiu em 1857 e teve como seu Diretor Cândido Batista de Oliveira e teve uma vida efêmera com apenas 4 volumes e durou até 1861.

A proposta de se estudar a *Revista Maranhense: Artes, Ciências e Letras* fundamenta no desejo de resgatar a memória histórica da divulgação científica e cultural no Estado do Maranhão, nordeste do Brasil, bem como a história da ciência do País, já que este periódico

representa os anseios de intelectuais com o progresso social, científico, cultural e educacional. É nesse resgate que se propõe também a observar o atual cenário do Maranhão em relação à ciência e ao seu desenvolvimento, considerando que um dos legados da *Revista Maranhense* foi chamar atenção, por meio de seus artigos, para a problemática do analfabetismo, tanto o da escrito como o de ler, como o científico, como uma necessidade de combatê-los promovendo a educação. Outro foi a criação das primeiras instituições de ensino superior no Maranhão, que foram a Universidade Popular e a Escola de Ensaio, ambas com metodologia baseada na “Conferencias da Gloria”(CARULA, FONSECA) no Rio de Janeiro.

Semelhantemente ao início do século XX, diversas são hoje as iniciativas que visam promover a aproximação do maranhense com o desenvolvimento científico, onde podemos citar três: o Estado conta com a Fundação de Amparo à Pesquisa - FAPEMA, que publica semestralmente a *Revista Inovação*, um canal para a publicação de artigos acadêmicos e fomento científico. Outro meio de divulgação científica no Maranhão é o programa *Rádio Ciência* (iv), veiculado duas vezes ao dia na Rádio Universidade FM. Somando a essas ações há o Laboratório de Divulgação Científica Ilha da Ciência (v), projeto pioneiro do Departamento de Física da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, que, como museu de ciência aberto ao público, vem atendendo estudantes da rede pública e particular do ensino médio ao de pós-graduação.

Desenvolvido como um centro gerador de ciência, o Ilha da Ciência tem ambiente científico e propício para o desenvolvimento da educação e expansão do conhecimento científico, contribuindo, dessa forma, para a ampliação, difusão e divulgação da ciência no País, em especial no Estado do Maranhão.

## **2. Revista Maranhense – Universidade Popular e Escola de Ensaio**

A segunda metade do século XIX testemunha um grande avanço das ciências, bem como os efeitos da Revolução Industrial, que mudou definitivamente as relações entre os seres humanos.

Esses eventos transformaram o modo como a arte e, em particular, a literatura representava o mundo. Os sentimentos dão lugar a um olhar mais objetivo para a sociedade, num movimento de inversão do código romântico para se chegar ao comportamento estético do Realismo.

Nessa conjuntura de sedução do positivismo e espectadores da Revolução Industrial com as suas generalizadas mudanças no estilo de vida e de cultura, “os realistas preconizavam uma arte literária diametralmente oposta à romântica [...] Ao invés do subjetivismo, propunham a objetividade, amparados na ideia positiva do fato real; em lugar da imaginação, o fato contingente”. Num verdadeiro processo de adesão ao fato científico, conforme propõe Moisés (MOISÉS, 2001).

Racionalistas, como pedia o cientificismo da época, procuravam a verdade impessoal e universal, não individual, como julgavam os românticos. E a verdade localizava-se, a seu ver, na realidade, concebida como o mundo dos fenômenos físicos, suscetíveis de captação pelos sentidos.

É sob essa lente que, no final do século XIX e início do XX, o sentimento de transformação e de mudança pessoal passa a dominar a mocidade maranhense. Jovens se reuniam, conversavam e escreviam sobre o “Maranhão Literário no Passado”(OLIVEIRA, 2007), relembrando sempre as práticas que marcaram as artes, ciências e letras.

Ressalte-se que, em virtude do falecimento do governador Benedito Leite, em 1909, o Maranhão vivia uma verdadeira disputa pelo Governo do Estado. Pleito esse que se deu em virtude do vice-governador em exercício, Artur Moreira, por motivo de viagem, ausentar-se, assumindo Mariano Martins Lisboa Neto, presidente da Assembleia.

Mariano, mediante retorno do Vice-Governador afastado, recusa-se a devolver o cargo, alegando que Artur Moreira não havia tirado sua licença junto ao legislativo. Este, descontente com sua situação, por sua vez, declarou-se empossado e instala seu governo fora do palácio, caracterizando este período como o ano da “dualidade política no Maranhão”, que só é resolvida por intervenção do Governo Central, com a nomeação de Américo Vespúcio dos Reis como Governador provisório até a realização de novas eleições.

Nessa época, surgem várias iniciativas cujo objetivo era despertar, na população local, o interesse por ciências e artes. Uma delas foi a Universidade Popular e em seguida a Escola de Ensaio<sup>14</sup>. Tanto uma quanto a outra são marcada pelos anseios de reviver o prestígio do passado. Conferências eram realizadas nos saguões da Biblioteca Pública do Estado, promovendo ali debates e calorosas conversas acerca de questões literárias.

Sobre a criação da Universidade Popular, leia-se: “Foi no bojo dessas agitações [...] que surgiu a ideia de se criar uma Universidade Popular no Maranhão, por iniciativa de Antonio Lobo, que conseguiu mobilizar outros intelectuais maranhenses para organizar o que eles chamavam de “um novo experimento educacional” (OLIVEIRA, 2000, pag. 4).

A Universidade Popular, iniciativa de Antônio Lobo, então diretor da Biblioteca Pública Benedito Leite, tinha como principal objetivo incentivar os leitores a frequentar assiduamente a referida Biblioteca. As conferências aconteciam às quintas-feiras no salão nobre da Benedito Leite, e os temas eram divulgados no jornal a “Pacotilha”, que, às sextas-feiras, publicava o resumo do que havia sido dito na palestra do dia anterior.

Uma análise mais apurada das atividades da Universidade Popular conduz a duas observações: a primeira aponta a relevância social das discussões oriundas das temáticas universais ali pautadas, já a segunda revela o não cumprimento do princípio da extensão, intrínseco a toda universidade como parte essencial do tripé que a sustenta, formado também pelo ensino e pela pesquisa, já que a realidade local não foi considerada.

Em uma dessas exposições literárias, foi lido o texto “Renascença”, de Frederico Figueira, que legitimou todo um pensamento envolvente à época. Nele, o autor fala de um Maranhão que, nos vários campos do conhecimento, destacava-se por seu apego ao saber por excelência: História Geral, Direito, Astronomia e Literatura. Destaque-se que (OLIVEIRA, 2000, pag. 5):

“Na primeira conferência de História proferida por Antonio Lobo, este esclareceu que sua iniciativa estava pautada em experiências de outros países, como Inglaterra e Estados Unidos. Nesses países as bibliotecas públicas transformaram-se em forças pedagógicas ativas, uma vez que não esperavam a chegada dos leitores, mas iam convocá-los e atraí-los através de conferências

públicas realizadas em seus próprios salões. Além disso, faziam indicação dos melhores livros que se encontravam disponíveis em suas bibliotecas”.

Figueira relembra momentos, escolas, nomes que conferiram ao Estado o título de Athenas Brasileira. O texto todo é uma espécie de vivas e urras às pessoas que se dedicaram à construção do saber literário e científico do Estado. Ele dizia que em um período anterior àquele que eles viviam, o prestígio do maranhense era tão grande que: “Moços esperançosos, cheios de nobres aspirações, deixavam a terra do nascimento para irem à grande metrópole brasileira ou noutros Estados da República honrar o nome maranhense” (vi).

Onde chegavam, eram bem vistos e muito bem aceitos, tudo por terem vivido o passado glorioso maranhense. Figueira, porém, aponta o fator que determinou o declínio da Athenas Brasileira, segundo ele: “As letras maranhenses, embrenhando-se no indiferentismo ou abusando da proteção que os potenciados dispensavam nos exames aos estudantes que a eles recorriam, foram diminuindo de brilho e empanando os fulgores de que por tantos lustres gozaram.” (vii).

Sendo bastante realista, o autor do texto “Renascença” aponta que esse é o ciclo natural das civilizações, não importando o tempo e o espaço em que elas se encontram. Toda a humanidade passa por transições, ora ela vive seu momento áureo, ora vê seus valores literários decadentes e amorfos.

A intenção de Figueira é mostrar as glórias existentes em um passado e, por meio dessa demonstração, despertar na população de sua época a importância da literatura e da ciência na construção da sociedade. Em seu texto, esse autor finaliza citando algumas instituições que naquele momento eram as únicas a ainda se preocupar com o resgate dos valores literários perdidos no passado. Assim, faz menção honrosa à Academia Maranhense de Letras, à Faculdade de Direito do Maranhão e à Revista Maranhense: Artes, Ciência e Letras, que naquele período, representavam a tentativa de manter viva a dedicação às artes, ciências e literatura.

A Universidade Popular na verdade foi uma série de conferências organizadas, entre nos anos de 1909 e 1910, por Antonio Lobo e outros intelectuais da época, que proferiam palestras semanais, na Biblioteca Benedito Leite. A convocação para a palestra e sua

divulgação era realizada pelo Jornal A Pacotilha, bem como a publicação do resumo da conferencia. A ata de sua fundação vem com o nome de “Nova Agremiação Universidade Popular Maranhense” com objetivo de “versar todos os conhecimentos humanos e divulgá-los nos seios do povo”. Seu estatuto, aprovado e publicado no “A Pacotilha” (A Pacotilha, 09 de outubro de 1909, número 240) contém três artigos: o 1º institui a fundação nesta capital da Universidade; o 2º determina a forma de ensino que era por meio de conferências, realizadas as quartas-feiras, à noite, em local a ser designado e o 3º que instrui o programa comportando as matérias de Ciências Biológicas, Ciências Cosmológicas e Ciências Sociais. As Ciências Biológicas continham Embriologia, Anatomia, Histologia, Psicologia. As Ciências Cosmológicas Matemática, Mineralogia, Paleontologia, Botânica, Zoologia e Antropologia e as Ciências Sociais compreendiam Demótica, Geografia, Etimografia (Etimologia), Filosofia, História das Religiões, Economia, Direito, História da Arte, História da Literatura, História Geral.

As conferências eram divulgadas no jornal nos jornais as sextas-feiras, e versavam sobre vários temas universais sendo a programação publicada no Jornal “Diário do Maranhão” (Diário do Maranhão, 20/12/1909, nº 301) conforme tabela 1. Também eram abertas ao público em geral. Porém, sobre a popularização dos conteúdos científicos desses eventos, Oliveira, Nascimento e Macedo (OLIVEIRA, 2008) tecem a seguinte crítica “a Universidade Popular no Maranhão de popular só teve o nome, uma vez que não foi feita para o povo”. Abaixo nós listamos algumas dessas conferências que ainda são objeto de estudos e análise.

<b>UNIVERSIDADE POPULAR MARANHENSE</b>	
<b>Conferencia</b>	<b>Conferencista</b>
As moléstias escolares	Dr. Almir Nina
O Céu e a Terra	Dr. Joaquim Guimarães
O movimento e o repouso	Sr. Luís Torres
A proteção e o livre cambio	Dr. Agripino Azevedo
As grandes e pequenas industrias	Dr. Hemilio Pereira

Os Grandes Vultos da Pátria	Dr. Manoel Jansen Ferreira
O Alcoolismo e suas conseqüências	Dr. Heráclito Mattos
A Liberdade Profissional	Dr. Domingos Américo
O Ensino Leigo	Dr. João Machado
A digestão na série animal	Dr. Oscar Galvão
O crime e sua repressão	Dr. José Barreto
O Coletivismo	Dr. Herculano Parga
O Radium e a Radioatividade	Dr. Palmério Cantanhede
O Culto Cívico	Sr. Alfredo Fernandes
A mulher perante a lei	Dr. Antonio Pereira
Idéia geral sobre a formação dos seres	Dr. João Vieira
A inteligência dos Animais	Sr. Antonio Lobo

Outra atividade da Universidade Popular era a leitura, interpretação e discussão de artigos de pesquisas científicas publicados em Revista Científica da época, como se fosse hoje uma palestra de revisão. Para tanto eles recorriam a imprensa nacional, como o Diário de Pernambuco e em periódicos como Revista Científica, Revista de Ciências e Letras, Human Review entre outras. Não se pode bem referenciar estes periódicos, pois no jornal pesquisado eram usados apenas esses termos, sem referência (A Pacotilha, 07/12/1909, A Pacotilha, 29/12/1909, A Pacotilha, 07/01/2010). Foram discutidos os seguintes assuntos: A inteligência do Animais (A Pacotilha 07/12/1909); A tempestade Magnética (A Pacotilha, 10/01/1910) A eletricidade dos mortos: experiência em Nova York de uma doutora Russa (A Pacotilha, 27/01/2010); Divulgação dos Prêmios Nobel (A Pacotilha, 28/01/2010); O Cometa de Harley (A Pacotilha, 29/01/2010); Hidroplano: aparelho inventado pelo engenheiro Fagliani (A Pacotilha, 02/02/1910); A evolução da Matéria, a evolução da forças (A Pacotilha, 05/02/1910); O Universo (A Pacotilha, 14/02/1910); O Novo Cometas – Divulgação dos



Jornais Londrinos (A Pacotilha, 17/02/1910); A evolução do conhecimento referente ao espaço (A Pacotilha, 25/02/1910)

A Escola de Ensaio (1919 a 1924) teve como público alvo os estudantes da rede pública e particular de ensino. É interessante afirmar que a instituição teve um caráter mais informativo que formativo, com uma posição de imparcialidade em relação à realidade local. Com uma iniciativa de Astrolábio Caldas e outros intelectuais, cuja finalidade era a promoção de palestras científicas e literárias destinadas aos estudantes maranhenses. As atividades realizadas nas manhãs de domingo e eram divulgadas nos jornais “Diário de São Luís”, “Diário do Maranhão” e “O Jornal”. Os artigos das palestras eram divulgados na Revista Maranhense: Artes, Ciências e Letras, além de outros veículos de comunicação da época. No sábado era veiculada uma nota sobre o conteúdo da palestra e na segunda-feira era publicado um comentário sobre o tema proferido na conferência seguido de agradecimento aos participantes. Nestes dois momentos os jornais desempenharam um papel de grande importância, incentivando a participação da comunidade ludovicense (viii) nas atividades de desenvolvimento e fomento intelectual.

A maioria das conferências eram realizadas nos saguões da Biblioteca Publica Benedito Leite, promovendo ali debates e calorosas conversas sobre questões literárias.

Dentro desse contexto de transformações, surge a *Revista Maranhense: Artes, Ciências e Letras*, um periódico mensal, literário e científico, apontado como o primeiro canal de divulgação científica no Estado do Maranhão, publicada em duas versões, a primeira, de 1887, e a segunda, de 1916 (OLIVEIRA, 2007, pag. 1).

A *Revista Maranhense*, além de expor por meio de seus artigos as condições históricas de desenvolvimento social de educacional do Estado, também se colocou como primeiro canal de publicação científica relevante para o desenvolvimento científico durante o período em que circulou. Seu estudo possibilita elucidar diversos aspectos da cultura, literatura, linguagem e sociedade maranhense da época.

### **3. Revista Maranhense: 1987**

Partindo da leitura do jornal Diário do Maranhão de 05 de setembro de 1887 (ix), tivemos acesso a um artigo com informações sobre o primeiro número da Revista Maranhense,

divulgando também que o lançamento do periódico havia sido feito no dia anterior. Nele fica registrado com detalhes o teor da Revista, bem como o nome do seu redator chefe, Augusto Brito. O artigo também apresenta ao leitor maranhense o sumário deste primeiro número. Em 1887 foram publicados apenas três números da Revista Maranhense. As informações obtidas desse período foram adquiridas através do jornal “O Diário do Maranhão”. Atualmente, esses primeiros exemplares da Revista Maranhense estão desaparecidos. Uma busca geral foi feita na Biblioteca Pública Benedito Leite e no Arquivo Público, não tendo êxito. A última referência desta primeira versão também é feita pelo Diário do Maranhão de 23 de dezembro de 1887: “Por motivos ponderosos deixa de ser publicada no mês de dezembro corrente o número quarto da Revista Maranhense, com o qual começará no segundo semestre.” (x). O leitor pode observar que da mesma forma que a Revista Brasileira e Revista Maranhense teve uma vida muito curta em sua primeira fase.

O Diário do Maranhão também fazia publicidade das assinaturas da Revista. As assinaturas poderiam ser trimestrais, custando mil réis, e anuais, por três mil e quinhentos réis. Os leitores eram estimulados a escrever artigos para serem publicados. Em nota: “[...] este periódico que, por enquanto aparecerá mensalmente contendo nunca menos de 16 páginas de impressão *in quatro*, tem por fim proporcionar aos maranhenses a publicação de suas produções literárias e científicas.”

Outra menção aos primeiros números publicados é o conto *A Escrava*, de Maria Firmina dos Reis (1825-1917) publicado na Revista Maranhense, n.º 3, ano 1, 1887. No posfácio do romance *Úrsula* (REIS), de autoria da mesma, Eduardo de Assis Duarte, mostra o que foi a vida desta professora que, atravessou inúmeras dificuldades devidas sua *condição de menina bastarda e mulata* vivendo numa época de extrema segregação racial e social. Diz ele (DUARTE):

“Maria Firmina teve participação relevante como cidadã e intelectual ao longo dos noventa e dois anos de uma vida dedicada a ler, escrever e ensinar. Atuou como folclorista, na recolha e preservação de textos da literatura oral e atuou também como compositora, sendo responsável, inclusive, pela composição de um hino para a abolição da escravatura. E, o mais importante, trouxe a público dois romances, *Gupeva*, em 1861, de temática indianista, e *Úrsula*, em 1859, no

qual aborda a escravidão a partir do ponto de vista do *outro*, assunto que também norteia a narrativa do conto “A Escrava”, publicado em 1887, no auge da campanha abolicionista”.

#### **4. Revista Maranhense: 1912 A 1922**

A Revista Maranhense renasce em 12 de março de 1916 jornal de um grupo de rapazes que se dedicavam à literatura, e que desejavam publicar um periódico em bom formato, para expressar seus anseios pelo progresso e o desejo de rememorar o passado glorioso do Maranhão (OLIVEIRA, 2000, pag. 4). Em artigo de Astrolábio Caldas, redator chefe da Revista Maranhense, fica notado que a segunda versão é fruto da união de dois jornais da juventude maranhense: o jornal “O Estudante” da Sociedade Machado de Assis e “A Vontade” um jornal particular. Outro aspecto relevante é a influência que a juventude recebia de figuras ilustres como: Fran Paxeco e Antônio Lobo. Ambos eram envolvidos com a propagação do conhecimento e o fomento literário e científico no Maranhão. Em livro publicado sobre Fran Paxeco e as Figuras Maranhenses (DA LUZ) foi encontrado uma foto da primeira turma da Faculdade de Direito, nela estavam os rapazes que compunham o corpo editorial da Revista Maranhense.

Este periódico circulou na capital maranhense e nos principais municípios do Estado como: Caxias, Ararí, Icatú, Bacuri, Rosário, Chapadinha, Cururupu, Pedreiras, Brejo, Barro Vermelho, Ponta Nova, São Vicente de Ferrer. No entanto, a circulação não se limitou ao Maranhão, alcançou também a cidade de Belém do Pará. Resultado do trabalho de divulgação dos colaboradores, dentre eles muitas professoras do interior, dentre elas a Prof. Laura Rosa, Filomena Izolina Silva e Almerinda Rodrigues.

As assinaturas eram semestrais e anuais, o valor variava de acordo com a localidade. Sem dúvida, a Revista Maranhense foi um veículo de comunicação que representava os anseios dos jovens intelectuais preocupados com o desenvolvimento: econômico, social e político do Maranhão:

[...] seus artigos relatavam seus sentimentos em relação ao contexto que os cercavam, revelando a problemática econômica, social e educacional do Estado,

numa tentativa de alertar sobre suas causas, e elucidar os caminhos para as soluções cabíveis à resolução dos problemas. (OLIVEIRA, 2007, pag.9)

Dentre os empreendimentos a favor do desenvolvimento científico nas duas primeiras décadas do século XX, houve duas grandes iniciativas de intelectuais positivistas no Maranhão: a Universidade Popular (1909 a 1910) e a Escola de Ensaio (1919 a 1924) (OLIVEIRA, 2009, pags. 59, 58).

A *Revista Maranhense: Artes, Ciências e Letras* integra este processo de efervescência cultural, promovendo o debate sobre questões científicas e de desenvolvimento: econômico, social e político do Maranhão, com matérias diversificadas, com textos e poesias que dissertavam sobre guerra, Naturismo, Bacterioterapia, Matemática, Física, Química, Medicina entre outros assuntos de interesse para a sociedade da época.

Outros acontecimentos marcaram esse período, como as primeiras tentativas de implantação de instituições de ensino superior no Estado que surgiram com a Proclamação da República e foram concretizadas com a Escola de Aprendizado Agrícola Cristino Cruz. No entanto, a primeira Escola de Ensino Superior, a Faculdade de Direito, é fundada somente em 28 de abril de 1918, impulsionada pela intelectualidade maranhense.

A carência e necessidade de instituições de Ensino Superior no Maranhão eram latentes. Por isso, a fundação da Faculdade de Direito foi recebida com um clima de euforia pelos rapazes da *Revista Maranhense*. A *Revista* de maio de 1918 estava repleta de textos e artigos relacionados à Faculdade de Direito: “E assim parece que o Maranhão desperta da letargia profunda que tanto o debilitava. Hoje, a Faculdade de Direito, amanhã a luz elétrica, depois tração, e assim vamos prosseguindo com o progresso que parece real.” (xi)

A maior preocupação daqueles jovens estudantes era com o desenvolvimento do Estado, sobretudo o desenvolvimento educacional. A *Revista Maranhense* despertava a população para a importância do conhecimento, divulgando de forma pioneira a ciência. No artigo “Analfabetismo” a importância do conhecimento é ressaltada:

Onde quer que seja a instrução não se vá difundindo, a ignorância se desvendará, lançando-se arrebatadamente sobre a humanidade, prejudicando-a sensivelmente, dando lugar aos crimes [...] Entre os homens devia unicamente

existir um desejo ardente, um egoísmo inominável, uma vontade sobrenatural, - a ilustração do espírito. (xii)

Os problemas sociais eram denunciados nas páginas da revista. O Estado, conhecido pelas altas taxas de analfabetismo, vivia naquele período uma condição alarmante. A Revista Maranhense registra que grande parcela da população era analfabeta, e apenas 15% das crianças do Estado estavam aptas a frequentar a escola, sendo que a maior parte do alunado maranhense concentrava-se na capital. A situação era mais complicada no interior, quase desprovido de escolas.

Apesar da pouca idade, a preocupação daqueles rapazes com o desenvolvimento do Estado era notável em cada número da revista. Na Revista Maranhense de setembro de 1918 é exposto que a capital maranhense passava a ter luz elétrica. Esse acontecimento foi comemorado, e o prefeito da época, Clodomir Cardoso, citado e parabenizado pela Revista. Os rapazes eram conscientes das necessidades do Maranhão, e não estavam indiferentes às suas questões políticas. O artigo sobre a chegada da luz elétrica é finalizado com o povo maranhense sendo convidado para as eleições: “Às urnas, pois, povo maranhense, que quem vos fala é uma humilde Revista de moços não eleitores, portanto sem paixões políticas, e só desejando o engrandecimento da terra. (xiii).

É notório que aqueles jovens rapazes tinham como referência figuras ilustres da comunidade intelectual maranhense, como Antônio Lobo e Fran Paxeco. Antônio Lobo foi homenageado na edição n.º 05 da Revista Maranhense, de julho de 1916, após sua morte. Fran Paxeco, personalidade ilustre do cenário maranhense, era cônsul de Portugal no Maranhão e amante do Estado. Escreveu vários livros sobre o Maranhão, colaborou e participou das mais diversas iniciativas pró-desenvolvimento intelectual maranhense como a fundação da Academia Maranhense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e da Faculdade de Direito.

Ao analisarmos um livro sobre a biografia de Fran Paxeco, encontramos uma foto de 1922 da primeira turma da Faculdade de Direito, nesta foto estavam os rapazes que compunham a equipe editorial da Revista Maranhense, o que comprova que o berço de informação e cultura daqueles rapazes era o próprio Maranhão. (DA LUZ, 1957, p.41 )

A Revista Maranhense tinha características bem próprias e marcantes. Considerando que ela é fruto de jornais, havia diversas seções e espaços semelhantes a outros impressos da época, como a seção das “*Erratas*”, onde eram feitas correções de notas das edições anteriores, a seção das personalidades maranhenses, que era um espaço para biografias, além de espaços para notas de falecimento, abria espaço para aniversários, entre outros eventos sociais.

A fim de aguçar o interesse do leitor, eram feitos concursos e enigmas, o ganhador recebia livros e assinaturas gratuitas da Revista.

A literatura era destaque, havia uma seção exclusiva para sonetos e poesias, o chamado “*Florilégio Poético*”, isso evidencia a preocupação dos autores com temas como progresso e desenvolvimento ligados à necessidade de revitalizar a produção literária maranhense.

No início do século, a juventude maranhense costumava formar sociedades literárias para promover reuniões e festas, e assim, discutir literatura. Dali sempre brotava um jornal que circulava na cidade. Segundo o artigo “*Maranhão Literário do Passado*”, de Astrolábio Caldas, redator chefe da Revista Maranhense, o Maranhão era o estado brasileiro com o maior número de impressos no período de 1906 a 1917, porém a maioria dos jornais tinha pouca duração:

Agora vou deixar-vos inteiramente conhecedores da pouca duração das sociedades [...] Hoje funda-se aqui uma sociedade, convida-se meia dúzia de ‘rapazes[...] Depois, a publicidade de um jornalzinho; daí a algum tempo o desanimação geral entre os sócios,; não tem mais festas...e então morre a tal sociedade literária e o desânimo é tal, que toda as congêneres também desaparecem!... (xiv)

Mais uma vez a Revista Maranhense se destaca em relação a outros impressos da época, já que foi publicada até 1922, com os números 64 e 65 em uma única edição, diferenciando-se também deles pelo conceito inovador de mesclar literatura com ciência.

## 5. Conclusões

É válido salientar que, hoje, no Maranhão, são inúmeros os periódicos que circulam disseminando informação, no entanto, o Estado continua carente de jornais e revistas especializados em discutir literatura e, sobretudo, ciência.

São incipientes os instrumentos especializados em divulgação da ciência. Inexistem veículos de comunicação de cunho científico para o grande público – há somente revistas especializadas ligadas aos cursos de pós-graduação, como as revistas dos Mestrados em Educação e em Políticas Públicas, ou mesmo revistas de universidades e faculdades como é o caso da Revista Ceuma Perspectiva, do UNICEUMA, a revista Pesquisa em Foco, da UEMA, e o Caderno de Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão.

A proposta mais democrática de divulgação e popularização da ciência em nosso estado, e de compromisso semelhante ao da Revista Maranhense é a Revista Inovação, da FAPEMA, que divulga de forma abrangente a produção científica local, na tentativa de tornar a ciência mais próxima da sociedade maranhense e o Portal da Ciência da Assessoria de Comunicação da UFMA.

Hoje o Estado tem a Fundação de Amparo à Pesquisa – FAPEMA publica semestralmente a Revista Inovação, um canal para a publicação de artigos acadêmicos e apoio científico. Outro importante meio de divulgação científica Maranhão é o programa Radio Ciência, transmitido duas vezes por dia em FM Radio Universidade. Além desta temos as ações de Divulgação Científica do Ilha da Ciência, projeto pioneiro do Departamento de Física da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, que, como museu de ciência aberta ao público, vem servindo alunos da rede pública e particular. Desenvolvido como um gerador de Ciência, o Laboratório tem ambiente científico e propício para o desenvolvimento da educação e da expansão do conhecimento científico, contribuindo assim para a expansão e divulgação da ciência no país, especialmente no estado do Maranhão, contando com uma unidade móvel, telescópios e planetário digital.

Daí percebermos que o Maranhão, tal como acontecia no início do século XX, atravessa profundas transformações nos campos político, econômico e educacional. Paralela a essas transformações, cresce a quantidade de instituições de Ensino Superior e de produções acadêmicas, porém o Estado ainda necessita avançar em relação à difusão da ciência e à

criação de políticas públicas de inclusão do conhecimento científico à população de modo geral.

## 6. Referências Bibliográficas

---

- CARULA, Karoline. As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Unicamp – Campinas – SP, 2007.
- DA LUZ, Joaquim Vieira. Fran Paxeco e as figuras maranhenses. Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, 1957, p.41.
- DUARTE, Eduardo de Assis. “Posfácio”. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Disponível em: <<http://www.editoramulheres.com.br/ursulaposfacio.htm>>. Acesso em 22 abr. 2008.
- FONSECA, Maria Rachel Fróes da. As 'Conferências Populares da Glória': a divulgação do saber científico. Hist. cienc. Saúde - Manguinhos vol.2 no.3 Rio de Janeiro Nov./Feb. 1996. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701996000400007>.
- MASSARANI, Luisa et al. Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura. Editora UFRJ. Rio de Janeiro, 2002.
- MOISÉS, Massaud. História da literatura brasileira. vol. II. São Paulo: Cultrix, 2001, p.15.
- OLIVEIRA, Antonio José Silva et al. COLETÂNEA de artigos publicados na “Revista Maranhense”. São Luís: EDUEMA, 2007, p.77. ISBN 978-85-86036-27-9
- OLIVEIRA, Antonio José Silva; et al. Ciência e ensino superior no Brasil e no Maranhão: de 1850 a 1950. CEUMA Perspectivas: Brasil 500 anos. ano 4, vol. 4. São Luís: UNICEUMA, fev. 2000, p.4.
- OLIVEIRA, Antonio José Silva et al. A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO POSITIVISTA NA EDUCAÇÃO MARANHENSE: O CASO DA UNIVERSIDADE POPULAR E ESCOLA DE ENSAIO. Revista Científica - Cadernos de Pesquisa. São Luís: Ed. da Universidade Federal do Maranhão, 2008. v.16, n.1. pag. 59,64
- OLIVEIRA, Antonio José Silva Oliveira et al. COLETÂNEA de artigos publicados na “Revista Maranhense”. São Luís: EDUEMA, 2007, p.1
- PEREIRA, R.A. Extinção da FAPEMA: o discurso do jornal O Estado do Maranhão sobre a política científica do Governo do estado do Maranhão – Período: 1994-



1998. Monografia (Graduação em Comunicação Social, Jornalismo), 2003. Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2003.

REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. 1ª edição 1859. Florianópolis: Editoras Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2009

SEGUINS, José Ribamar. MULHERES NO COMANDO. São Luis, s.e.; s.d., p. 100-101

---

<sup>i</sup> - Portal [pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org). Acesso em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/São Luís \(Maranhão\)#Ocupa.C3](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Lu%C3%ADs_(Maranh%C3%A3o)#Ocupa%C3%A7%C3%A3o)> Acesso em 10 de maio de 2016.

<sup>ii</sup> - Devido a grande efervescência cultural que existia esse epíteto foi dado a cidade de São Luís. In: Portal São Luís– 400 anos. Disponível em <<http://maranhaonocongressoslatenasbrasilera.blogspot.com.br>>. Acesso em 11 de maio de 2016.

<sup>iii</sup> - Disponível em <http://www.academia.org.br/publicacoes/revista-brasileira>. Consultado em 21/05/2016.

<sup>iv</sup> - Radio Ciência Disponível em <<http://www.universidadefm.ufma.br/programas/>>. Acesso em 11 de Fevereiro, 2016.

<sup>v</sup> - Laboratório de Divulgação Científica Ilha da Ciência. Disponível em: <<http://www.ilhadaciencia.ufma.br/>>. São Luís, maio, 2016.

<sup>vi</sup> - REVISTA MARANHENSE, n.49, São Luís, 1920, p.1.

<sup>vii</sup> - REVISTA MARANHENSE, n.49, São Luís, 1920, p.1.

<sup>viii</sup> - Nascido na cidade de São Luís, são-luisense.

<sup>ix</sup> - DIÁRIO DO MARANHÃO, n. 4.217, São Luís, 1887.

<sup>x</sup> - DIÁRIO DO MARANHÃO, n. 4.288, São Luís, 1887.

<sup>xi</sup> - REVISTA MARANHENSE, nº. 26 e 27, 1918.

<sup>xii</sup> - REVISTA MARANHENSE, nº. 26 e 27, 1918.

<sup>xiii</sup> - REVISTA MARANHENSE, nº. 17, 1917.

<sup>xiv</sup> - REVISTA MARANHENSE, nº. 14, pag 123, 1918